Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

CONSUMO DE DROGAS NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DAS RESPECTIVAS IMPLICAÇÕES

DRUG CONSUMPTION IN SCHOOL: A CRITICAL REFLECTION ABOUT THEIR IMPLICATIONS

Adriano Alves Bezerra[1]
Dário César de Oliveira Conceição[2]
Renan Pires Maia[3]
Jaiurte Gomes Martins da Silva[4]
Girliane Regina da Silva[5]
Aline Guedes de Lima[6]

RESUMO – Este artigo é o resultado de uma pesquisa realizada com a finalidade de analisar o uso de drogas no ambiente da escola, a partir de documentos que abordassem este objeto de estudo, principalmente, sob a perspectiva da apresentação de contribuições para a prevenção ao uso de drogas na escola. Teve como fontes secundárias de

[1] Tem pós-Graduação *lato sensu* em Ensino de língua espanhola, UCAM. Licenciado em Letras com habilitação em língua espanhola, UEPB. Licenciando em Letras com habilitação em língua portuguesa, IFPB. Professor de Língua espanhola na Secretaria de educação do Estado da Paraíba. E-mail: adrianoalves077@gmail.com;
[2] Licenciado e mestre em Química, UFRPE; Professor da Faculdade Santíssima Trindade - FAST e da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.
[3] Psicólogo. Mestre e doutorando em Filosofia. Professor da Faculdade Santíssima Trindade;
[4] Licenciado em Ciências Biológicas, UFPE-CAV. Doutorando em Ciência Animal Tropical, UFRPE. Mestre em Biociência Animal, UFRPE. Professor da Faculdade Santíssima Trindade E-mail jaiurte@hotmail.com;
[5] Farmacêutica, UFPB. Doutora em desenvolvimento e inovação tecnológica em medicamentos, UFRPE. Coordenadora e professora da Faculdade Santíssima Trindade – FAST. E-mail: girlianeregina@gmail.com;
[6] Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela UFPB. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica, pela UFCG. Mestre em Linguística pela UFPB.

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

informações, livros, documentos, dispositivos legais e artigos científicos publicados na língua português, cujos textos estivessem disponíveis na íntegra. Após leituras para apreensão do conteúdo, de leituras analíticas e críticas, foi possível elaborar o presente texto, mediante uma abordagem qualitativa e discursiva, em articulação com os autores consultados. Os resultados confirmam a escola como ambiente propício ao desenvolvimento de ações preventivas ao uso de drogas lícitas ou ilícitas, considerando o estudante como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem e a família como parceira no processo de prevenção às drogas e na formação de futuros cidadãos, com foco de atenção na saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave: Drogas; Educação; Participação Familiar; Políticas Públicas.

ABSTRACT - This article is the result of a research carried out with the purpose of analyzing the use of drugs in the school environment, based on documents that addressed this object of study, mainly, from the perspective of presenting contributions for the prevention of drug use. in school. His secondary sources of information were books, documents, legal provisions and scientific articles, published in Portuguese, whose texts were available in full. After readings to apprehend the content, analytical and critical readings, it was possible to elaborate this text, through a qualitative and discursive approach, in articulation with the consulted authors. The results confirm the school as an environment conducive to the development of preventive actions against the use of licit or illicit drugs, considering the student as an active subject in the teaching and learning process and the family as a partner in the drug prevention process and in the training of future citizens, with a focus on health and quality of life.

Keywords: Drugs; Education; Family Participation; Public policy.

INTRODUÇÃO

A questão das drogas é uma preocupação mundial devido a sua alta frequência e aos prejuízos sociais, psíquicos e biológicos delas advindos, principalmente entre a população mais vulnerável, como é o caso de crianças e adolescentes. Quanto mais

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

precocemente se dá o início do uso de drogas, maior é o risco de prejuízos psíquicos, físicos e sociais no desenvolvimento humano (CONCEIÇÃO E VENTURA, 2019).

Fazendo-se uma retrospectiva na história da humanidade, é possível perceber a presença do uso de bebidas alcoólicas desde épocas remotas, sendo que através dos tempos, foram surgindo outras formas de produção, comercialização e respectiva utilização, até chegar à realidade dos dias atuais. No atual contexto social em que vivemos, as drogas são usadas tanto pelo sujeito individualmente como pela pluralidade dos grupos; individualmente, para gerar satisfação na pessoa que a utiliza e coletivamente, para promover uma sensação de alegria, de prazer, de congraçamento.

Particularmente no Brasil, a problemática do uso de drogas configura-se como uma questão social conflituosa, com significados diferenciados entre grupos religiosos e diferentes seguimentos da sociedade civil. O problema se agrava, pois, "jovens das diversas cidades brasileiras e mesmo na zona rural, têm acesso fácil às drogas legais e ilegais, sendo que a primeira experiência com estes produtos acontece frequentemente na pré-adolescência" (GUEDES, 2003, p.12). Este mesmo autor considera que essa situação se reflete em graves problemas como: aumento da violência urbana e rural, da evasão e da repetência escolar, além da baixa produtividade e qualidade de vida dos usuários. Nesse contexto, há dispositivos legais instituídos pelo Governo, cujo cumprimento varia entre empresas públicas e privadas e em diversas outras organizações. Têm-se instituído ações de prevenção ao consumo de drogas, ações e estratégias que possam controlar a sua utilização por menores, e ajudar a resolver situações geradas pela dependência de drogas.

Apesar de tais iniciativas, o problema das drogas ainda não se encontra resolvido, continua envolvendo significativamente jovens e adolescentes nos dias atuais. Isso nos instiga a pensar sobre a referida problemática, que está presente cotidianamente em distintos espaços de convivência como o familiar, o de lazer, o esportivo, o ambiente escolar, nas cidades e no contexto rural, atingindo de forma marcante, sem esquecer o espaço da mídia, chegando até ao contexto de delegacias, presídios e casas correcionais. Há informações na literatura de que, no Brasil e no mundo, as drogas mais consumidas são álcool (bebidas alcoólicas em geral) e tabaco, que são também as drogas que têm provocado maiores danos à humanidade, pois, o fato de serem drogas legalizadas (lícitas) tem aceitação social e, consequentemente, contribuem para uso abusivo. Outras drogas não legalizadas como: inalantes (cola de sapateiro, lança-perfume, loló, éter, gasolina e outras); maconha; cocaína nas suas diversas formas de apresentação, como crack, cloridrato de cocaína; merla, entre outras (GUEDES, 2003).

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

A questão que se coloca é: que implicações pode acarretar a problemática do uso de drogas no ambiente escolar? Procurando respostas possíveis a este questionamento, o presente estudo teve como objetivos: discorrer acerca do significado de droga; discutir sobre as implicações do uso de drogas para a saúde e qualidade de vida das pessoas que convivem no ambiente escolar; abordar medidas de prevenção ao consumo de drogas nas escolas, por entender que se trata de um tema relevante, que envolve um complexo problema em evidência no atual contexto social brasileiro, que pode comprometer a saúde e qualidade de vida dos usuários e das pessoas de suas convivências. A expectativa que se tem é que todas as pessoas envolvidas na instituição escola, principalmente os profissionais da educação, precisam cada vez mais conhecer a teia de complexidades que envolvem a referida problemática, e comprometer-se com medidas resolutivas, que estejam ao alcance da instituição escolar em sua missão formadora e educadora.

Por outro lado, o presente trabalho visa levar o leitor à reflexão acerca do uso de drogas no ambiente escolar, sob a perspectiva da motivação para o desenvolvimento de novos estudos sobre a referida temática, principalmente, vislumbrando construir novos conhecimentos, extrapolar e atualizar os conhecimentos já publicados, principalmente quanto à prevenção ao uso de drogas na escola, que tem a responsabilidade da formação de futuros cidadãos.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido sob a modalidade de uma pesquisa bibliográfica, que consiste na atividade de localização e consulta a fontes secundárias de informação escrita orientada pelo objetivo explícito de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema. Tais informações componhem um conjunto de conhecimentos humanos reunidos em obras publicadas (LIMA, 2004), no caso deste estudo as fontes secundárias foram livros, artigos científicos e dispositivos legais, analisados sob a perspectiva de compreender melhor o problema do uso de drogas no ambiente escolar e apontar estratégias de prevenção. A seleção do material analisado teve como critérios, textos disponíveis na integra, publicados na língua portuguesa e que contemplassem a questão da pesquisa, os objetivos do estudo, autores renomados na área do estudo.

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

A partir do material selecionado, foram realizadas leituras para apreensão do conteúdo, leituras analíticas mediante olhar crítico sobre conceitos, definições e ideias contidas neste material e por fim, foi elaborado o presente texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conceitos e definições de drogas

Na literatura revisada neste estudo foi possível encontrar diversos conceitos sobre a palavra droga, sendo que o mais expressivo ocorreu e 1981, quando a Organização Mundial de Saúde – (OMS) conceituou droga como toda substância que ingerida por um organismo vivo, altera seu funcionamento normal, ou uma ou mais de suas funções. Tais alterações podem variar de uma pessoa para outra, do tipo e da quantidade da droga ingerida, do meio ambiente onde a mesma é usada, do estado de espírito do usuário no momento da utilização da droga, e da pureza e concentração da droga (GUEDES, 2003). Nesse mesmo ano, a OMS também define o significado de drogas psicotrópicas como aquelas que agem no sistema nervoso central produzindo alterações de comportamento, de humor e cognição, com grande propriedade reforçadora, sendo passível de autoadministração. Essas alterações interferem no processo de ensino e aprendizagem que deve ser desenvolvido no ambiente escolar, principalmente, as alterações de cognição.

No âmbito das ciências farmacêuticas, o termo droga é aplicado para fins curativos, utilizado, desde a antiguidade, para obter preparações para cura de doenças. Assim, droga, seria todo vegetal ou animal, ou ainda uma parte ou órgão destes seres ou produtos derivados diretamente deles, que após sofrerem processos de coleta, preparo e conservação, possuam composição e propriedades tais que possibilitem o seu uso como forma bruta de medicação ou como necessidade farmacêutica, para produção de medicamentos (SIMÕES, 2017). O termo deu origem às chamadas drogarias, nomenclatura utilizada até os dias de hoje para designar os estabelecimentos de dispensação e comércio de medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos em suas embalagens originais (RDC 17/2013).

Recorrendo ao dicionário de língua portuguesa, há uma definição de que “drogas são entorpecentes, substâncias tóxicas, com ação analgésica, e efeito tido como agradável pelo usuário” (FERREIRA, 2010). Em outros termos, drogas são usadas para gerar

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional de quem as utiliza. Isso quer dizer que droga é qualquer substância capaz de modificar as funções do organismo, resultando em mudanças de ânimo, de entendimento ou de comportamento, que induz fenômenos de tolerância, que seja auto administrável e que provoque danos à saúde ou a relação social do usuário. É nesse sentido que o termo droga será aqui abordado, além dos danos causados pelo seu uso indiscriminado.

Tais substâncias são classificadas como lícitas e ilícitas. Contudo, o fato de ser a droga considerada legal ou ilegal não tem relação direta com os riscos que oferece. Todavia, essa definição é demasiadamente ampla, sendo que aquilo considerado lícito ou ilícito pode estar articulado a características culturais de cada povo, com implicações para os diferentes seguimentos sociais, principalmente para adolescentes e jovens.

Ao serem ingeridas, as drogas chegam ao Sistema Nervoso Central (SNC) e agem basicamente de três formas: Deprimindo, estimulando e/ou provocando perturbações dos sentidos ou alucinações. Tais substâncias são predominantemente classificadas em drogas depressoras, drogas estimulantes e drogas perturbadoras ou alucinógenas. As depressoras mais usadas em nosso meio são o álcool, inalantes, heroína, ansiolíticos ou tranquilizantes, entre outras. Seus efeitos reduzem a atividade mental, prejudicando a atenção, a concentração e a capacidade intelectual. As drogas estimulantes agem estimulando o funcionamento do SNC, levando o cérebro a funcionar de maneira mais acelerada, entre elas, as mais usadas são cocaína, anfetaminas, cafeína, tabaco e outras. As perturbadoras ou alucinógenas agem promovendo alterações de ordem psicológica, alterando a percepção, pois o cérebro passa a funcionar desordenadamente. As demais comumente usadas são LSD, maconha, ayahuasca (GUEDES, 2003).

Vale ressaltar que, quando usadas de forma racional, algumas drogas que agem no SNC trazem grandes benefícios. É o caso da morfina, um analgésico utilizado em dores severas; o primeiro fármaco narcótico, derivado do ópio, extraído da papoula (*Papaver somniferum*) (SIMÕES, 2017). Por muito tempo a papoula foi utilizada como droga de abuso e por isso hoje seu cultivo é proibido no Brasil. Outro exemplo é a maconha, que vem ganhando destaque pelo seu uso como medicamento. Substâncias presentes na maconha conseguem produzir diversos efeitos benéficos, no tratamento de doenças. Há registros de que são eficazes no combate a epilepsia refratária, a ansiedade, nos distúrbios do movimento, também tem ação antioxidativa e neuroprotetora (RECKZIEGELI E SILVA, 2019).

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Em contraste a esse efeito benéfico, a maconha é a droga ilícita mais usada mundialmente, seu uso recreativo se tornou quase tão comum quanto o uso de tabaco entre adolescentes e jovens adultos nos últimos anos e uma das possíveis razões para isso é acreditar que se trata de uma droga leve. A alta incidência de seu uso entre adolescentes e jovens tem sido objeto da atenção de pesquisadores no mundo todo, especialmente devido aos danos associados ao abuso, tais como transtornos de humor e prejuízos para os processos cognitivos e motivacionais do jovem (CONCEIÇÃO E VENTURA, 2019).

Uma constatação preocupante é que o consumo de drogas lícitas e ilícitas vem se expandindo mundialmente e constituindo uma ameaça à estabilidade das estruturas e valores econômicos, políticos, sociais e culturais das nações, no atual contexto social. Quando esse consumo se expande entre jovens torna-se ainda mais preocupante, pois, além de ameaçar a referida estabilidade, compromete efetivamente a saúde e qualidade de vida do futuro cidadão. Sensibilizados por tal constatação, vários seguimentos da sociedade brasileira vêm se mobilizando para contribuir com soluções à prevenção das drogas; um desses seguimentos é o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas psicotrópicas (CEBRID), que funciona no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

O CEBRID organiza pesquisas e reuniões científicas sobre o assunto drogas, publica livros e levantamentos sobre o consumo de drogas entre estudantes, meninos de rua, entre outros, mantém um banco de trabalhos científicos brasileiros sobre o abuso de drogas e publica boletins trimestralmente. De acordo com Galduróz et al. (2004), o CEBRID realizou um levantamento epidemiológico com estudantes da educação básica em 2004, constatando a presença de drogas psicotrópicas nas escolas, com uso indevido entre os estudantes, e com tendência ao início cada vez mais precoce. Ficou evidenciado que 12% das crianças na faixa etária de 10 a 12 anos já haviam usado algum tipo de droga na vida.

Ressalte-se que a Escola tem papel fundamental na formação humana, e para isso ela precisa estar aberta à discussão de temas relevantes, como é o caso da prevenção às drogas. A Escola precisa aplicar uma pedagogia focada no estudante, para que tenha condições de abordar temas como a prevenção às drogas e promover o desenvolvimento do espírito crítico entre (professores e alunos) - os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a Escola precisa envolver a família nas reflexões que possa realizar, como acerca do uso regular de bebidas lícitas ou legalmente permitidas por

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

membros da família, ou mesmo eventualmente em encontros sociais comemorativos e de congraçamento, que serve de mau exemplo para o adolescente.

No ano de 2006, o Brasil conseguiu sancionar a Lei 11.343/06, conhecida como Lei de Drogas, que trata sobre as questões relacionadas aos entorpecentes e psicotrópicos. O Parágrafo Único do Art. 1º define drogas como "substâncias ou os produtos capazes de causar dependências, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União." Observe-se que os problemas decorrentes do uso de drogas tomam dimensões muito maiores do que mudanças no comportamento, no humor e no processo de cognição. Confere ao usuário a condição de dependente do uso das drogas. Uma conotação assustadora, pois na prática, o uso de drogas vai passando de menos agressiva até chegar ao nível máximo de efeitos danosos à saúde e qualidade de vida do usuário.

O que chama à atenção é o caráter universal do uso de drogas, pois na atualidade, se desconhece a sociedade onde não se registre o consumo de drogas, como afirma Paiva et al. (2018).

Silva e Lima (2005, p.20) falando acerca da experiência com jovens usuários de droga em tratamento, advertem quanto à gravidade da dependência das drogas, nos seguintes termos:

> O perigo reside na forma como a pessoa torna-se dependente; uma primeira experiência seguida por outras, o adolescente já se tornou dependente, mudando seu comportamento, em função do comportamento dos novos companheiros, que agem de acordo com os efeitos provocados pelas sustâncias que usam. Nessa trajetória, muitos saíram de casa um dia sem hora para voltar. Quando retornaram, surgiram os conflitos decorrentes das diferenças de comportamentos e mudança de valores, kpor conta da convivência coa as drogas, especificamente, com seus usuários. Depois, revoltados com os desajustes na nova fase de sua convivência, inconformados com as cobranças e os aconselhamentos de familiares e pessoas ligadas diretamente ao convívio no lar, alguns saíram agredindo e espancando suas mães e pessoas mais próximas que tentaram ajudar na solução dos conflitos, resultando no agravamento da revolta e provocando fugas da convivência familiar.

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Ao abordar as principais razões que impulsionam os jovens às drogas, Guedes (2003. P.23) afirma ser impossível enumerar com segurança os fatores que levam alguém a usar drogas, "tal fato está relacionado a problemas sociais, familiares, educacionais etc., aos quais se encontra exposta a nossa sociedade" (...) "os homens sempre tentaram modificar o humor, as percepções e sensações por meio de substâncias psicoativas". O problema se agrava com a chegada da puberdade pois:

> A transição da infância para a idade adulta é raramente suave, e muitas pessoas não se acham emocionalmente preparadas para enfrentar os problemas com que se deparam. Na puberdade e nos primeiros anos da adolescência, há um afrouxamento dos laços familiares, uma diminuição de autoridade paterna, uma crescente responsabilidade e um amadurecimento sexual. O adolescente assediado por ansiedades, frustrações, medo de fracassos, conflitos e dúvidas internas, busca refúgio, muitas vezes, nas drogas (GUEDES, 2003, p. 23).

Contudo, o adolescente apresenta características marcantes, tais como motivação e coragem, para se aventurar nos desafios que encontra em sua trajetória de desenvolvimento da personalidade. De um modo geral, o adolescente tem visão positiva de si mesmo, uma visão manifestada por expressões de alegria, bom humor e vontade própria, embora essa positividade se contraponha aos questionamentos que os adultos fazem em relação a seu comportamento. Impulsionados pela vontade de libertar-se, os adolescentes firmam-se em valores inusitados, quase sempre contrários aos valores considerados corretos pelos adultos. Assim, a figura autoritária dos mais velhos torna-se alvo preferido de contestação por parte do adolescente, que passa a questionar seus pais, o padre, o pastor, o juiz, o professor, entre outros, sendo que a maior dificuldade encontrada pelo adolescente é aceitar uma autoridade imposta (SILVA; LIMA, 2005).

Implicações do uso de drogas no ambiente da escola

A escola é caracteristicamente um ambiente de formação e educativo. Os que nela atuam, procuram desenvolver um processo de formação visando a qualificar o indivíduo para exercer determinadas tarefas exigidas no contexto social, e visando a educar o futuro cidadão para a vida, inclusive, para o exercício de cidadania. Portanto, o referido processo implica atividades de ensino e aprendizagem, realizadas envolvendo diferentes fatores:

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

epistemológicos, envolvendo verdades de seu próprio projeto pedagógico, de cada professor, de cada aluno que representa os familiares; fatores biológicos e psicológicos, pois cada estudante tem suas necessidades específicas e seu ritmo próprio de aprendizagem e cada professor tem seu próprio perfil como ser humano e profissional; fatores sociais, culturais e ideológicos, diferenciados em cada família representada no ambiente escolar; fatores trabalhistas, políticos e econômicos, que envolvem professores, gestores escolares e familiares do alunado. Tais fatores se constituem em elementos desafiadores para os professores, gestores e demais profissionais e trabalhadores escolares.

Contrapondo-se à missão da instituição educacional, o uso de drogas, lícitas ou ilícitas, no ambiente escolar do contexto social brasileiro e do mundo tornou-se um grande desafio, um problema que demanda medidas urgentíssimas de prevenção, tratamento e controle. Uma problemática de dimensões gigantescas que consegue envolver toda a sociedade dos dias atuais: ricos e pobres, habitantes da zona rural ou urbana, homens e mulheres e em especial a juventude, comprometendo a saúde e qualidade de vida de cada cidadão, quer seja usuário de drogas, familiares e todas as pessoas que possam ter convivência com as vítimas do referido fenômeno social.

O caminho regularmente percorrido pelo uso de drogas passa pelos seguintes eventos: “Experimentação, uso ocasional, uso regular, e dependência” Experimentação ou uso experimental (pela primeira vez, quase sempre por curiosidade, busca de prazer ou influência do grupo); uso ocasional, mesmo que seja esporadicamente por ocasião de encontros familiares e de amigos (o usuário tem em mente que pode dominar a droga); uso regular, aquela pessoa que faz uso da droga em seu dia-a-dia, ou frequentemente (busca o acesso contínuo à droga, passando a comprá-la e mantê-la em estoque); e dependência ou uso doentio (é a introdução doentia do hábito. A droga passa a fazer parte da vida do usuário), sendo que essa dependência pode ser física e psicológica (GUEDES, 2003, p.26 - 7).

A partir de tais pressupostos, a perspectiva que vislumbramos é que urge equipar as escolas para lidar com a problemática do uso de drogas. Quem sabe, preparando as escolas para estimular nos jovens a busca de ações alternativas, que possibilitem aventuras no campo do conhecimento, do lazer e do divertimento. Uma convivência na escola que ofereça perspectivas para outros sentidos do prazer que não sejam as drogas, para a solidariedade e a vivência com horizontes que dignificam a vida no plano individual e na pluralidade dos grupos. Além disso, as escolas devem estimular nos jovens

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

o sentimento de fazer parte da comunidade escolar, como sujeitos de um processo de grande alcance social e coletivo. Contudo, a interdisciplinaridade representa significativo problema, pois a população alvo não está preparada para agir em equipes multiprofissionais e na interdisciplinaridade (FAZENDA, 2001).

Oportuno se faz observar o que está determinado no Capítulo primeiro da Lei 9.394/96-Lei das Diretrizes e Bases do ensino nacional, em seu artigo 1º " A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Assim, o processo de ensino e aprendizagem precisa articular todos esses ambientes, para que se possa desenvolver ações efetivamente eficazes no combate ao uso de drogas na escola, o que não é possível sem a interdisciplinaridade.

Qualquer ação interdisciplinar exige a elaboração de um projeto, sendo que "um projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto, às pessoas e às instituições a ele pertencentes" (FAZENDA, 2001, p. 17). Abordando a interdisciplinaridade como espaço de diálogo, esta mesma autora adverte que:

> Relatar os fatos que povoam a minha memória é um momento muito importante, pois me leva a seguir o caminho da minha identidade, identidade esta que passa pelo unitário e pelo coletivo das identidades daqueles que estão e estiveram comigo nessa caminhada. É importante, também, como espaço e interrogação, reflexão, o que me leva a entender o que fiz, como fiz e por que fiz e a buscar o que posso fazer, como fazer e por que fazer, visando estabelecer uma relação holística, interdisciplinar com o processo ensino / aprendizagem (FAZENDA, 2001, p. 37).

Relacionados a essas implicações no âmbito escolar, é imprescindível a citação de dados que mostrem o perfil de consumo por parte dos estudantes e a estreita relação com o desempenho acadêmico.

O relatório norte-americano sobre uso de álcool e outras drogas publicado em 2011 mostrou que, 21% dos estudantes da 8ª série, 37% da 10ª série e 48,2% da 12ª série

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

fizeram uso de alguma droga ilícita na vida. O uso de álcool foi relatado por 35,8% dos estudantes da 8ª, 58,2% da 10ª e 70% da 12ª série. Já o consumo de tabaco na foi relatado por 20% dos estudantes da 8ª, 33% da 10ª e 42,2% da 12ª série (JOHNSTON, O'MALLEY, BACHMAN, & SCHULENBERG, 2011). Já o levantamento sobre o consumo de drogas psicoativas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e privadas brasileiras mostrou que 25,5% dos adolescentes relataram já ter usado alguma droga ilícita na vida, 10,6% no último ano. Em relação ao álcool, 60,5% relataram já tê-lo usado alguma vez na vida, 42,4% relataram tê-lo usado no último ano. Quanto ao tabaco, 16,9% relataram tê-lo usado alguma vez na vida, 9,6% no último ano. Vale ressaltar que 15% dos adolescentes que relataram ter usado drogas ilícitas, 59% dos que relataram ter usado álcool e 9,7% dos que relataram ter usado tabaco no último ano tinham entre 10 e 15 anos (CARLINI et al., 2010). Nesse contexto, vale ressaltar que trabalhos internacionais têm mostrado que, o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas por adolescentes tem influenciado em faltas, repetências, evasão escolar, dificuldade de aprendizagem e pouco comprometimento com essas atividades estão associados ao (CEBRID, 2004; HORTA, HORTA, PINHEIRO, MORALES, & STREY, 2007; LATIMER & ZUR, 2010).

Por fim, não devemos deixar a ingenuidade dominar nossas mentes, nem perder a esperança no poder da educação, que remove montanhas, promovendo mudanças. Especificamente em relação ao uso de drogas, a mudança que desejamos é que o ambiente escolar seja libertado do assédio, do uso/abuso, e dos malefícios que a dependência de substâncias nocivas à saúde e qualidade de vida possa provocar. Todas as pessoas envolvidas nas atividades escolares não podem cruzar os braços, achando tal libertação impossível ou que não esteja ao alcance de suas possibilidades.

Danos causados pelas drogas

São diversas as consequências e os sintomas que surgem quando uma pessoa está usando drogas, que podem variar de pessoa para pessoa e também de acordo com o tipo de substância utilizada, a frequência e a quantidade do uso. Os problemas apresentados vão desde as dimensões orgânica e funcional de sistemas do corpo, até os desajustamentos sociais, provocados por modificações neuroquímicas que causam prejuízos no controle dos impulsos.

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

De acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), em 2017, foram registrados 2743 casos de intoxicação por uso de drogas e abuso no Brasil, destes 16 chegaram a óbito, o que corresponde a 0,56% de letalidade, a segunda maior causa de mortes por intoxicação, ficando atrás dos agrotóxicos de uso agrícola e em igualdade com os produtos químicos industriais. Observa-se ainda que a região nordeste vem registrando o maior número de casos.

Agente	Região Norte			Região Nordeste			Região Sudeste			Região Sul			Região Centro Oeste			Brasil		
	Casos	Óbitos	Letalidade	Casos	Óbitos	Letalidade	Casos	Óbitos	Letalidade	Casos	Óbitos	Letalidade	Casos	Óbitos	Letalidade	Casos	Óbitos	Letalidade
	nº	nº	%	nº	nº	%	nº	nº	%	nº	nº	%	nº	nº	%	nº	nº	%
Medicamentos	394	-	-	670	2	0,30	7658	24	0,31	11490	23	0,20	425	1	0,24	20637	50	0,24
Agrotóxicos/Uso Agrícola	28	1	3,57	138	3	2,17	1119	31	2,77	1196	25	2,09	67	1	1,49	2548	61	2,39
Agrotóxicos/Uso Doméstico	8	-	-	33	-	-	184	1	0,54	557	-	-	49	-	-	831	1	0,12
Produtos Veterinários	9	-	-	21	-	-	230	2	0,87	388	-	-	61	-	-	709	2	0,28
Raticidas	7	-	-	50	-	-	334	-	-	703	-	-	57	1	1,75	1151	1	0,09
Domissanitários	57	-	-	128	-	-	1916	2	0,10	2367	2	0,08	184	-	-	4652	4	0,09
Cosméticos	4	-	-	73	-	-	422	-	-	549	-	-	19	-	-	1067	-	-
Produtos Químicos Industriais	67	-	-	87	-	-	906	12	1,32	1769	4	0,23	49	-	-	2878	16	0,56
Metais	4	-	-	2	-	-	28	-	-	19	-	-	2	-	-	55	-	-
Drogas de Abuso	3	-	-	1515	3	0,20	764	8	1,05	438	5	1,14	23	-	-	2743	16	0,58
Plantas	10	-	-	18	-	-	290	1	0,34	474	-	-	29	-	-	821	1	0,12
Alimentos	2	-	-	134	-	-	287	-	-	32	-	-	17	-	-	472	-	-
Animais Peç./Serpentes	38	-	-	360	1	0,28	797	3	0,38	1409	4	0,28	466	1	0,21	3070	9	0,29
Animais Peç./Aranhas	20	-	-	149	1	0,67	728	-	-	4956	-	-	103	-	-	5956	1	0,02
Animais Peç./Escorpiões	29	-	-	5228	-	-	5279	5	0,09	787	-	-	356	1	0,28	11679	6	0,05
Outros Animais Peç./Venenosos	22	-	-	178	2	1,12	2273	5	0,22	3569	3	0,08	88	-	-	6130	10	0,16
Animais não Peçonhentos	25	-	-	338	-	-	772	-	-	3896	-	-	19	-	-	5050	-	-
Desconhecido	16	-	-	81	4	4,94	82	-	-	818	-	-	7	-	-	1004	4	0,40
Outro	22	-	-	19	-	-	600	6	1,00	4020	12	0,30	1	-	-	4662	18	0,39
Total	**765**	**1**	**0,13**	**9222**	**16**	**0,17**	**24669**	**100**	**0,41**	**39437**	**78**	**0,20**	**2022**	**5**	**0,25**	**76115**	**200**	**0,26**

Fonte: MS / FIOCRUZ / SINITOX

Sinais convencionais utilizados:

... Dado numérico não disponível

- Dado numérico igual a zero não resultante de arrendondamento

Os principais sintomas relacionados ao vício são: compulsão para usar droga/buscar aquele prazer, tolerância aumentada, síndrome de abstinência. Esta última gera outros sintomas, de acordo Dalgalarrondo (2008): ansiedade, inquietação, náuseas, tremor, sudorese, podendo, nos casos muito graves, ocorrer convulsões, coma e morte. Em geral, o uso de drogas leva o indivíduo a: distanciar-se da família, ficar irritadiço, diminuir a autoestima e perder vínculos sociais que não estejam ligados às drogas. No

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

caso da dependência, os sintomas são mais graves, podendo haver, autonegligência, ataques de pânico, evasão escolar, defasagem de valores morais e éticos, psicoses e desnutrição.

O excesso da droga, chamado de overdose, e/ou a combinação com outras, principalmente as depressoras do SNC, constituem-se num risco a mais, podendo gerar surtos psicóticos, como delírios persecutórios e alucinações. Nas gestantes, além das alterações na saúde da futura mãe, o feto fica intoxicado, podendo atrapalhar seu desenvolvimento normal.

As complicações sociais, principalmente as familiares e funcionais, são da maior importância. O estado de intoxicação, mais ou menos permanente, conduz à negligência para com os deveres pessoais, em casa, na escola e demais âmbitos de convivência. A queda do desempenho escolar, dificuldades de aprender, prejuízo no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivo-comportamentais e emocionais levam à repetência e ao abandono da escola.

O uso de drogas acarreta, também, graves problemas comportamentais de roubos, furtos, tráfico ou prostituição como meio de adquirir dinheiro para comprar drogas; perda de interesse por atividades antes prazerosas, principalmente com as meninas, frequentemente ocorrer depressão. A dependência do uso de drogas ainda pode levar a problemas mais graves que provoquem a morte do consumidor, seja através de acidentes no trânsito de veículos, de overdose, desnutrição, e doenças sexualmente transmissíveis contraídas em decorrência da promiscuidade, entre outros problemas.

Alguns indícios do consumo de drogas nos jovens podem ser: odor de incenso ou perfume para despistar, olhos avermelhados e pupilas dilatadas, risadas sem causas aparentes, comportamento agitado, apatia, desencanto, desânimo, desassossego, tosse intensa, esquecimentos, falta de atenção e concentração, furto de dinheiro e objetos da casa, posse de muito dinheiro e objetos caros, dificuldade para falar, mania de perseguição, isolamento, falta ou excesso de apetite, náuseas, vômitos, diarreia, tremores, entre outros.

Prevenção ao uso de drogas nas escolas

Desconhecemos uma regra infalível, um antídoto seguro contra as drogas, porém a tomada de consciência em relação a determinado posicionamento frente a um fenômeno social específico é fundamentalmente importante. Em relação ao uso de drogas legais ou

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

ilegais, o primordial é que a informação acerca de riscos e malefícios à saúde e qualidade de vida chegue antes do assédio. Se o adolescente, mais precisamente, o estudante tomar consciência da verdadeira realidade da drogadição, ele saberá dizer não ao assédio e não passará pela experimentação, ficando livre do uso de tais substâncias e das implicações de seu uso. Ressalte-se que:

> É estatisticamente comprovado que quanto mais informadas as pessoas são em relação aos danos provocados por estas substâncias, mais difícil elas se tornarem dependentes (...). Deve-se sempre lembra de que a educação sobre drogas tem que ser tratada dando ênfase à qualidade de vida e aos nos hábitos, pois assim os jovens naturalmente aprenderão a repelir os maus hábitos, dentre estes, o uso indevido de drogas (GUEDES, 2003, p.28).

A prevenção às drogas admite três níveis de intervenção: primária, secundária e terciária. Na prevenção primária o objetivo é intervir antes que ocorra o consumo de drogas, cabendo à instituição escolar promover um estilo de vida saudável nos estudantes, desde as crianças mais novas até o jovem adulto. A prevenção secundária destina-se aos estudantes que apresentam uso leve ou moderado de drogas, não são ainda dependentes, mas correm este risco. A prevenção terciária dirige-se ao usuário dependente. No caso dos estudantes que já consomem drogas, a função da escola é prestar auxílio ao aluno na procura de terapia, apoiar a recuperação e reintegrá-lo na escola, no grupo de amigos, na família. Vale advertir que não compete à escola o tratamento, mas sim, encaminhar adequadamente o caso.

Oportuno se faz ressaltar que o problema da droga não existe em si só, mas é a resultante do encontro de um produto, uma personalidade e um modelo sociocultural. A qualquer momento uma pessoa pode encontrar um produto tóxico, legal ou ilegal, em sua trajetória de vida. Assim, toda ação educativa, bem como, toda política sobre drogas deve levar em conta tais pressupostos, pois não existe um destino igual para todos, alguns experimentam drogas uma ou mais vezes e não se tornarão doentes. Porém, a verdade é que os riscos são enormes, o assédio é muito grande tanto na sociedade como um todo quanto no âmbito escolar. Por isso, a meta é combater, é prevenir, é promover a tomada de consciência dos malefícios do uso de drogas.

Para entendermos a "questão das drogas" e as respostas historicamente construídas, temos que levar em consideração que existe uma relação histórica de homens

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

e mulheres com as drogas, pois não existiu sociedade que não se tenha registros do uso de alguma substância psicoativa, portanto, o uso de drogas e seus significados são produtos da práxis social historicamente construída: sejam os usos terapêuticos, rituais ou alimentares das sociedades tradicionais, sejam os usos hedonistas ou dependentes atualmente presentes na sociedade capitalista (BRITES, 2006).

A lei 13.840/2019 atualiza os procedimentos públicos em relação a drogas, determina no Art. 8º - São objetivos do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas, dentre outros: Promover a interdisciplinaridade e integração dos programas, ações, atividades e projetos dos órgãos e entidades públicas e privadas nas áreas de saúde, educação, trabalho, assistência social, previdência social, habitação, cultura, desporto e lazer, visando à prevenção do uso de drogas, atenção e reinserção social dos usuários ou dependentes de drogas; e priorizar programas, ações, atividades e projetos articulados com os estabelecimentos de ensino, com a sociedade e com a família para a prevenção do uso de drogas.

A escola como espaço de prevenção às drogas

O consumo de drogas está presente em todos os tempos e lugares. Para se entender melhor essa constância deve-se levar em conta a forma como é transmitido o conhecimento, as informações sobre o produto, as condições subjetivas de quem faz uso e o meio sociocultural onde vive, elementos que nem sempre são levados em consideração. Por esse motivo os debates acerca do uso de drogas precisam considerar tais fatores, na família e principalmente na escola, pois o papel primordial da escola é formar cidadãos críticos capazes de refletir e avaliar o que é bom para si, fazer escolhas de forma a se proteger e manter uma boa relação com a sociedade, mas essa autonomia só se consegue com conhecimento.

O mundo está cada vez mais competitivo e exige um preparo intelectual cada vez maior e a globalização, por sua vez, também sufoca quem dela foge. Nesse contexto, o jovem se vê imaturo e despreparado para decidir e encarar as exigências provenientes da globalização. Percebe-se atualmente que a infância e a adolescência estão sendo abreviadas, pois, exige-se de uma criança e de um jovem, responsabilidades muito grandes para seu nível de maturidade. Por outro lado, o jovem encontra o conflito de gerações quanto aos valores que devem ser consolidados, entre os avós, os pais e os filhos.

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Assim, a educação da criança e do jovem é motivo de preocupação, pois na vida adulta eles vão encontrar muitas limitações.

Drogas e violências são temas em evidência e, embora se tenha falado muito sobre eles, paradoxalmente nunca se silenciou tanto a respeito desse complexo problema, sobretudo no que diz respeito à relação que possuem com os processos sociais, como por exemplo, as desigualdades culturais e educacionais que os permeiam. Em geral, prevalece uma perspectiva que colabora para reforçar estigmas e preconceitos, o que pode, inclusive, comprometer uma postura preventiva e fortalecer, por conseguinte, uma conduta repressiva. Daí a importância da escola e dos educadores que precisam cada vez mais conhecer a teia de complexidades que os envolvem e as medidas que estão ao alcance da instituição escolar em sua missão formadora e educadora.

Nessa direção, o presente estudo apresenta algumas recomendações consideradas da mais alta importância para o projeto pedagógico da escola. Defendemos tese de que é preciso criar escolas protegidas, isto é, escolas voltadas à proteção integral, o que significa lidar com o tema de drogas não somente por meio de programas específicos, mas pela instauração de uma concepção de escola fundamentada nos princípios: "Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber", que são apresentados no artigo 3º, II da LDB (BRASIL, 1996).

O sonho e o idealismo de crianças e jovens podem ser canalizados, com a ajuda da escola, para a construção de projetos futuros que se convertam em referência em todo o seu itinerário de vida. Para tanto, é importante que o projeto pedagógico da escola, além de sua dimensão cognitiva, tenha sempre em vista o ser das pessoas nele envolvidas. Uma nova escola pressupõe uma nova pedagogia, para o que não se dispõe de receitas. Durante muito tempo, a abordagem do tema drogas foi considerada tabu nas escolas brasileiras. No entanto, as poucas ações existentes em uma escola saudável exigem dialogar com todos os atores que fazem parte de seu contexto de inserção, valorizando os recursos disponíveis e as parcerias possíveis com os diversos pontos da rede social e comunitária.

O programa - Uso de Drogas no Ambiente Escolar: ações integradas para prevenção - apresentará o tema em suas diferentes facetas. Por um lado, teremos um olhar voltado para dentro dos muros da escola, valorizando ações possíveis, educadores capacitados e engajados em projetos, além do protagonismo dos próprios alunos, sejam crianças ou adolescentes, na proposição de ações. No segundo foco proposto, o programa deixará evidente um olhar que precisa voltar-se para fora da escola, para o território, para a comunidade que a cerca, para a relação com as famílias, para as boas práticas

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

identificadas e para a rede de proteção a ser construída e fortalecida, tanto no âmbito governamental quanto não governamental.

Como já foi dito, a juventude é um dos grupos sociais mais expostos e vulneráveis às drogas, razão pela qual o abuso lícito e ilícito passa a ser um problema no âmbito escolar, à medida que os alunos fazem da escola o seu espaço de afirmação, interação e socialização. É na escola que os diferentes grupos de jovens se encontram, cada qual com suas experiências de vida e com "motivos" diversos para fazer uso de drogas. Nesse ambiente pluricultural, os jovens buscam a sua identidade, confrontando as suas aspirações e desejos com o que os pais e professores esperam deles. Desse modo, demarcam seus territórios, constituem sua "galera", como uma forma de organização paralela em que a prática do consumo de alguma droga passa a ser o caminho natural e possível para pertencer ao grupo e compartilhar das suas intenções.

Nessa perspectiva, a escola é um ambiente social adequado e propício para desenvolver a problematização do tema, discutindo e elaborando estratégias de informação, orientação e intervenção para uma educação preventiva, em que participem alunos, pais, professores e a comunidade escolar e social em geral. Entretanto, esse espaço de discussão não é possível para aqueles que abandonam as escolas, nem tampouco acessível aos jovens que não estudam, e que, em algumas regiões do país, podem representar uma proporção considerável da população em idade escolar. Essa é uma das razões pela qual devemos considerar a necessidade de envolver a comunidade escolar e social para que participem das atividades desenvolvidas no projeto político-pedagógico da escola.

Uma das diretrizes da política nacional antidrogas no âmbito da prevenção, e particularmente nas escolas, diz que a implementação de uma educação preventiva contra as drogas requer um eficiente planejamento de atividades a serem desenvolvidas pela escola (BRASIL, 2001). Entre os pilares erguidos na Lei nº 9.394/96, a Lei das Diretrizes e Bases do Ensino, sobre os quais se há de construir a Educação no Brasil, foi evidenciada no Art. 2º, II "Visão de globalidade da educação, definida como um conjunto de processos de formação da pessoa, que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". No artigo 12, VI afirma que a instituição de ensino "Articula-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola" (BRASIL, 1996).

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Assim, para que essas atividades possam ser desenvolvidas a contento, a escola deve previamente atingir algumas metas, tais como: repensar o programa de conteúdos e objetivos das 15 disciplinas, de modo que o problema das drogas se difunda entre os alunos; possuir materiais didáticos como livros e vídeos especializados e atualizados sobre o tema, e, ainda, conseguir aglutinar alunos, pais, professores, funcionários, direção e especialistas em torno da discussão da temática. Repensar o programa das disciplinas implica, de certo modo, considerar as drogas como um aspecto social que integre e, ao mesmo tempo, seja integrado às diferentes áreas do conhecimento. Assim, considerando as drogas como um problema social emergente, podemos relacioná-las diretamente, mas sem restringi-las apenas, com a saúde – tema social e transversal, consolidado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O objetivo principal presente nos PCN para o ensino fundamental, na área da saúde, aponta para que os alunos sejam capazes de: "conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. " Desse modo, os PCN têm o intuito de promover a valorização social do tema como direito e responsabilidade pessoal e social. Esta responsabilidade é necessária para o exercício da cidadania, compreendendo a motivação e a capacitação para a higiene pessoal, a saúde individual e coletiva.

É nesse sentido que um levantamento da situação atual da comunidade escolar e social é extremamente importante para planejar, elaborar, executar e avaliar as estratégias de enfrentamento de problemas emergentes e reais que o consumo de drogas causa na escola. Esse levantamento diagnóstico deve procurar obter dados relativos à situação socioeconômica e educacional das famílias, e relativos à identificação dos fatores que influenciam ou causam o uso de drogas, bem como, dados relacionados com os aspectos psicológicos, afetivos e emocionais dos alunos.

Se a educação preventiva enfocar apenas as informações científicas acerca dos efeitos das drogas sobre a saúde do indivíduo, pode ocorrer que muitos desses alunos, por estarem bem informados, se achem suficientemente responsáveis e autônomos para assumir as consequências. Entretanto, os supostos "benefícios" que as drogas oferecem têm um custo pessoal e social muito alto, que apenas a compreensão das informações científicas não é capaz de avaliar. De acordo com Charbonneau (1998) uma abordagem preventiva deve considerar o indivíduo no seu contexto sociocultural, compreendendo a

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

abrangência e a dimensão da complexidade do problema, integrando as consequências do uso de drogas ao plano social.

Esse encaminhamento é um início, e não um fim, mesmo porque não se pode ser ingênuo em admitir que um aluno bem informado, do ponto de vista do conhecimento sobre as causas e efeitos das drogas no plano pessoal, torna-se responsável pelos seus atos e consequências, e com isso se mantenha longe das drogas. Desenvolver no aluno a percepção sobre si mesmo, do seu potencial produtivo, crítico e criativo, assegura a estruturação de níveis de autoconfiança, competência, autonomia e responsabilidade. Esclarecendo as dúvidas, eliminando os equívocos, revendo os valores, incorporando hábitos saudáveis de viver, as drogas deixam de ser o assunto principal, porque na construção de novos significados para a vida, elas passaram a ser fatores de privação da liberdade.

A prevenção ao uso de drogas no âmbito escolar é possível, no entanto, apresenta-se complexa e dependente de alguns fatores operacionais, principalmente em um país como o Brasil, que não obstante ter uma política antidrogas, mantém-se repleto de contradições morais e que pouco tem investido na educação. Para que um programa sistemático e eficiente ocorra, é necessária a ação contínua de uma política global de prevenção, de um controle maior da ação dos traficantes e da propaganda veiculada pelos meios de comunicação. As escolas têm uma boa política, uma boa diretriz, e enquanto instituição têm uma responsabilidade e um papel importantíssimo na formação das crianças e jovens. Mas é importante lembrar que sem alguns controles sociais das drogas lícitas e ilícitas, a escola não vai conseguir resolver sozinha todas essas questões.

Na história da Saúde Escolar consolidou-se a ideia de que os programas e ações que dizem respeito aos “escolares” incluem-se entre as responsabilidades da escola e, consequentemente, do professor. Assim, surge o Programa Saúde na Escola como uma estratégia que atua na prevenção às drogas. As questões de Saúde, assim como outros tantos temas de natureza social, passaram a ser continuamente agregados ao projeto educativo ou ao currículo. Porém, muitas vezes de forma desarticulada, competitiva ou mesmo contraditória. Uma “chuva” de novas demandas - prevenção do uso indevido de drogas, aprendizagem de procedimentos de higiene bucal, informação das regras de trânsito, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis – atinge a instituição escolar. Isso gerou uma ampliação constante de expectativas em relação à escola e ao professor e, ao mesmo tempo, levou a um aumento no desapontamento e descrédito em relação aos professores e à instituição escolar, de quem tudo se espera.

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Na atualidade, muita gente questiona a falta de abertura da escola para o trabalho com as questões importantes para a sociedade, com o argumento de que a escola deveria destinar mais espaço para os temas chamados "extracurriculares", como se "currículo" significasse apenas uma lista de matérias. Na realidade, muitos professores e professoras estão incorporando sistematicamente novas dimensões ao seu papel tradicional, mesmo que em caráter voluntário ou "extracurricular", pois as questões sociais invadem a escola. O problema é que isso ocorre, frequentemente, na forma de uma incorporação desorganizada ao currículo, sem um correspondente projeto cultural-pedagógico (CAVALIERE 2002). Ao invés de levar à soma, essa forma de "intersetorialidade" na qual a escola é tratada como "depositária" de programas construídos por outros profissionais e instituições, tornou-se uma fonte importante de conflito entre os sistemas e profissionais da educação e da saúde. O professor, responsabilizado por triagens e ações preventivas típicas dos programas de saúde, termina por receber críticas de que gera demanda "indevida" para o sistema de saúde e "medicaliza" sua incompetência para cumprir a tarefa educativa. O resultado mais visível dessa polêmica é um descrédito mútuo e a certeza de que, afinal, o problema está no aluno e/ou em sua família.

Para que permita a construção de algo novo, a parceria entre Educação e Saúde precisa ser um espaço de solidariedade no enfrentamento dos problemas e dos conflitos internos aos setores da educação e da saúde. Isto requer um empenho transformador e o apoio recíproco nas tentativas de mudança e superação dos modelos já esgotados. Sem dúvida a escola é um cenário importante na vida das pessoas que nela estudam e trabalham e a saúde é parte da experiência cotidiana de ser, aprender, viver e conviver.

Se a saúde é promovida na vida cotidiana, é necessariamente uma dimensão inerente ao dia-a-dia da experiência escolar. Nesse sentido, a escola é um cenário importante para a promoção da saúde porque nela alunos, pais, professores e demais profissionais da educação permanecem e convivem.

Sob essa perspectiva, é preciso valorizar o potencial da escola para promover a saúde no espaço físico, nas formas de organização do currículo, na convivência cotidiana. A escola tem seus méritos e responsabilidades na promoção da saúde e não se torna mais saudável a partir de uma delegação externa. Torna-se mais saudável na medida em que se torna uma instituição presente, relevante e integrada num determinado território, capaz de influir nas condições de vida que geram saúde ou que aumentam a vulnerabilidade das pessoas e grupos sociais às doenças. Em poucas palavras, a escola que mais contribui para a melhoria da situação de saúde da população é uma escola de qualidade.

DOI: 10.29327/213319.20.3-4
Páginas 90 a 115

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Para que a escola possa promover a saúde é necessário que ela deixe de ser entendida e responsabilizada como única instituição social adequada para acolher, promover a saúde, prevenir agravos e, inclusive, educar crianças e adolescentes. É indispensável reconhecer que a educação é parte do dia-a-dia da prestação de serviços de saúde. É indispensável, também, articular as políticas de saúde na escola às discussões sobre o papel a ser desempenhado pela mídia, pelos demais espaços – públicos e privados - de convivência de adolescentes e jovens, um conjunto necessariamente integrado de campos de ação, que se complementam e produzem mútuas influências.

Nesta forma de ver a questão, o sucesso da parceria entre saúde e educação depende de nosso empenho em superar, por um lado, a antiga visão da escola e da comunidade escolar como objetos - e do professor como instrumento de prestação da atenção primária em saúde. Por outro lado, é necessário superar a ideia de que é inviável, para o setor saúde, acolher a população "em idade escolar", o que justificaria o repasse de parte da execução de suas tarefas: educativas, preventivas ou de ações assistenciais, para os profissionais da educação. Em resumo, a ampliação do impacto das políticas públicas de promoção da saúde das populações escolarizadas precisa apoiar-se na soma das contribuições dos setores saúde e educação, e não na economia de direitos, profissionais e serviços.

Em diversas experiências realizadas no Brasil e em outros países, esses desafios vêm sendo superados por meio de um trabalho inovador e integrado. Entretanto, os problemas apontados nesse texto são associados a uma cultura típica da antiga Saúde Escolar, que tendemos a reproduzir automaticamente mesmo sem termos consciência desse fato. Por isso, a reflexão crítica sobre esse tema é sempre oportuna, mesmo nas situações em que essa cultura vem sendo transformada na prática (VALADÃO, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar o material selecionado para atender ao objeto deste estudo, foi possível perceber que não se trata apenas de atuar em situações pontuais e/ou emergenciais e sim, que o foco deve ser, de fato a prevenção, sobretudo, por tratar-se do ambiente escolar, cuja função precípua é o desenvolvimento de competências e habilidades em adolescentes e jovens para o trabalho e para o exercício de cidadania no futuro contexto da sociedade. A ação preventiva sempre será eficaz, desde que se

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

considerem as diferentes instancias da vida do indivíduo e do grupo e que ao mesmo tempo, permitam-lhes, maiores possibilidades de expressar a vontade própria, oportunidades para a construção de competências e para o desenvolvimento de habilidades, que deverão estar direcionadas a fortalecer suas convicções, particularmente, relacionadas ao não uso de drogas (sejam elas lícitas ou não).

Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento de um conjunto de ações articuladas, que principalmente, permitam uma atuação da escola mais próxima às famílias, uma vez que estas têm papel primordial, seja na prevenção, tratamento ou acompanhamento das situações específicas (indivíduos envolvidos com drogas ou que estejam sendo aliciados). Nesse contexto, as famílias apresentam-se como o suporte primário, e serão elas a oferecer condições para que as diversas habilidades do indivíduo floresçam e que este tenha um desenvolvimento saudável, com vistas a um futuro com saúde e qualidade de vida.

Outro aspecto observado foi que além da família, a escola é outra célula da sociedade que deve ser articulada de maneira mais intensa, uma vez que esta, na perspectiva do processo educativo é uma extensão do ambiente familiar, mesmo tendo suas especificidades relacionadas à cognição, ela precisa da parceria íntima com a família para a formação sob a perspectiva da saúde e qualidade de vida. Trata-se de um processo educativo do indivíduo, possibilitando-lhe as condições necessárias para seu amadurecimento social, psíquico, emocional e intelectual. Entendemos que isso exige o desenvolvimento de ações preventivas como: disseminação de informações, campanhas de esclarecimento, mapeamento de contexto dos alunos, que devem ser sujeitos ativos nesse processo. Ressalte-se que, a ação preventiva por envolver uma multiplicidade de fatores, deve tentar vencer os desafios constantes, dentre eles, conseguir manter a atenção da população alvo (crianças e os jovens) para fazê-la compreender a quão exposta estar, ao mundo das drogas e a suas implicações.

Contudo, urge reconhecer a necessidade de investimento em capacitação e formação continuada para todos os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, para que tenham condições de enfrentar efeitos nocivos oriundos das drogas, tais como: a violência gerada tanto pelo consumo, como pelo tráfico, a destruição de famílias, a vulnerabilidade social, a suscetibilidade às doenças, prática de crimes, entre outros. Esta capacitação vai garantir as condições necessárias para que a escola possa exercer o seu principal papel de ser uma casa de educação pautada na interação dos diversos saberes, objetivando o desenvolvimento do ser humano de maneira integral.

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

REFERÊNCIAS

ANVISA. RDC Nº 17, de 28 de março de 2013. Dispõe sobre os critérios para peticionamento de Autorização de Funcionamento (AFE) e de Autorização Especial (AE) de farmácias e drogarias).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Emenda Constitucional** nº 14/1996.

_____. **Constituição Federativa do Brasil**. Presidência da República, 1988.

_____. Secretaria Nacional Antidrogas. **Política Nacional Antidrogas**. Brasília: 2001.

_____. Secretaria Nacional Antidrogas. **Política Nacional de Prevenção às Drogas**.

CHARBONNEAU, P. **Drogas: prevenção, escola**. 4 ed. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

CARLINI, E. L. *at al.* VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. **São Paulo: SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.**

CAVALIERE, AMV. **Educação integral**: uma nova identidade para a escola brasileira?

Disponível em: http://www.senad.gov.br/pdf/pnad-portugues.PDF. Acesso em 20.03.2020.

CEBRID/UNIFESP - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas. (2004). **V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre**

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. Disponível em: https://www.cebrid.com.br/v-levantamento-estudantes-2004. Acesso em 23 de abril de 2020.

CONCEIÇÃO, M.I.G., & VENTURA, C.A. **Percepção de riscos e benefícios associados ao uso de maconha entre estudantes de Brasília, Brasil**. Texto & Contexto-Enfermagem, 28(SPE), 2019.

FAZENDA, Ivani. **Práticas Interdisciplinares na escola** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa, 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUEDES, Deusimar Wanderely. **Drogas, Família e Escola:** A informação como prevenção. João Pessoa: gráfica J B, 2003.

HORTA, R. L., HORTA, B. L., PINHEIRO, R. T., MORALES, B., & STREY, M. N. Tobacco, alcohol, and drug use by teenagers in Pelotas, Rio Grande do Sul State, Brazil: a gender approach. **Cad Saúde Pública**, *v. 23, n* 4, p. 775-783, 2007.

JOHNSTON, L. D., O'MALLEY, P. M., BACHMAN, J. G., & SCHULENBERG, J. E. (2011). Monitoring the Future national results on adolescent drug use: Overview of key findings. **Ann Arbor: Institute for Social Research, The University of Michigan**.

LATIMER, W., & ZUR, J. Epidemiologic trends of adolescent use of alcohol, tobacco, and other drugs**. Child Adolesc Psychiatr Clin N Am**, *v. 19, n.* 3, p. 451-464, 2010.

LIMA, Carlos Bezerra. **Dicas para elaborar seu projeto de pesquisa científic**a. João Pessoa: Carlos Bezerra de Lima (2019). Disponível em www.temasemsaude.com. Acesso em 23.03.2020.

Temas em Saúde
Volume 20, Número 3
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

PAIVA, H.N.D. et al. Associação do uso de drogas lícitas e ilícitas, sexo e condição socioeconômica entre adolescentes de 12 anos de idade. **Caderno Saúde Coletiva**, v. 26, n. 2, p.153 – 9, 2018.

PALHANO, Ruy & Colaboradores. **Alcoolismo, Tabagismo e Abuso de Drogas:** implicações clínicas e psicossociais. São Luis – MA, 2002.

RECKZIEGEL, J., & da SILVA, S.T. **O uso da maconha medicinal no tratamento de doenças em face da dignidade humana**. Revista Direitos Culturais, v. 14, n. 32, 43-67, 2019.

SILVA, Francisco Leônidas; LIMA, Carlos Bezerra. **Vida Sim, Drogas Não:** um desafio à sociedade atual. João Pessoa: Utopia, 2005.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. **Farmacognosia: Do Produto Natural ao Medicamento** – Artmed – 2017.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS - SINITOX. Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais

SOUZA, Iris de Lima. Serviço Social e Educação: uma questão em Debate. Interface, Rio.